

# JUSTIFICAÇÃO POR FÉ E CUIDADO DE TODA A CRIAÇÃO

## Motivos para perseverar (Romanos 8)

Ivoni Richter Reimer

*“Uva eu fui  
Pisada eu sou  
Vinho serei”*  
(Notker Labeo)

Crise ecológica. Crise de energia. Água ameaçada de existência. Vida ameaçada pela falta d’água... A interdependência de toda a criação.

Crise de paradigmas. Qual a razão da existência? O que é que nos motiva e sustenta? Qual é o sentido da nossa vida, de nossos sofrimentos?

O texto e a fé do apóstolo Paulo (Rm 8) podem ajudar a resistir e lutar contra a apatia, resignação e fatalidade, tão comuns em situações de sofrimento. Rm 8 pode orientar e abrir perspectivas de como perseverar, ter atitudes propositivas e criativas diante das injustiças e destruições pessoais, ecológico-globais. Isso implica também no resgate da ternura em meio aos sofrimentos, pois é exatamente então que ela se faz necessária e percebida como fonte reconstrutora de vida.

Como construir esperança e perseverança? De onde encontrar forças para lutar contra as tribulações e injustiças? Como não fazer o jogo do poder, tornando-se pessoa conivente ou omissa em relação às injustiças e corrupções? Essas também eram perguntas que motivavam discussões no tempo do apóstolo Paulo, e elas norteavam a busca por uma vida em dignidade como resposta ao amor de Deus.

Toda a situação de injustiça, sofrimento, corrupção e dor e a descoberta da possibilidade de viver de forma justa e digna estão presentes nas reflexões e formulações de Paulo sobre a justificação por fé. Paulo não desconhecia nem desprezava a situação de miséria, exploração e destruição que o povo e toda a criação de Deus sofria. Ao contrário. Ele buscava compreensão e atuação: transformar a uva pisada em vinho saboroso que dá prazer e alegria!

### **A corrupção do império e a justiça de Deus**

Paulo era cidadão romano. Ele viajou e viveu em várias cidades importantes do Império Romano, e sabe que Roma é o centro do poder. Ali é produzida a “paz e segurança” que servem aos interesses do império e que devem ser espalhadas em todos os

lugares como ideologia dos opressores<sup>1</sup>. Em Roma se concentrava a administração e toda a riqueza vinda de todas as partes do Império. Ali também estava presente e representada toda a pobreza do Império: pessoas prisioneiras de guerra, escravas, artesãs empobrecidas, miseráveis e doentes de toda espécie.

Para contrabalançar com o peso da corrupção do império e seus agentes, como sendo uma das causas de sofrimento da criação de Deus, Paulo joga todos os argumentos a favor da justiça de Deus que consiste em juízo e misericórdia. A temática da justiça de Deus perpassa toda a carta que ele escreve à comunidade em Roma. No que consiste a justiça de Deus?

### **Transformar pessoas pecadoras em pessoas justas que praticam a justiça**

Na sua reflexão e argumentação, Paulo busca incluir no povo de Deus também quem não tem o privilégio da Torá. Ele quer fortalecer a esperança numa vida nova mais justa para todas as pessoas, “graças àquele que ressuscita os mortos e que cria a vida a partir do nada” (Rm 4,17). O objetivo da justiça de Deus é transformar todas as pessoas em novas criaturas em Cristo, as quais, *transformadas, praticam a justiça num mundo onde ninguém é capaz de praticá-la por sua própria força e vontade!* Essas pessoas são justificadas pela fé.

A argumentação da justificação pela fé afirma que o Evangelho é poder dinâmico de Deus para a salvação de todas as pessoas, porque nele se revela a justiça de Deus. Essa justiça tem poder transformador: pessoas oprimidas e opressoras podem transformar-se em pessoas irmãs que, *orientadas pela lógica do Espírito, fazem justiça para transformar seu mundo injusto que elas mesmas ajudaram a criar.*

Para Paulo, o pecado é um poder escravizante que impossibilita as pessoas de realizarem o bem que elas querem (7,7-25). Para dentro dessa situação que reflete a situação social e que repercute na sociedade romana, Paulo anuncia a Boa-Nova, o Evangelho: *a intervenção de Deus através de Jesus Cristo para todas as pessoas que crêem e a justificação pela graça mediante a fé* (3,21-26). Essa Boa Notícia consiste na afirmação tríplice: a justiça de Deus manifestou-se; ela é factível, pois é dom de Deus revelado na história mediante a fé de Jesus Cristo; ela alcança todas as pessoas, pois é acolhida pela fé<sup>2</sup>.

Assim, o termo “justificar” (*dikaióo*) é central para Romanos e significa que Deus torna a pessoa justa. Simultaneamente e como consequência dessa justificação, Deus faz com que as pessoas realizem a justiça. Somente assim, pela manifestação da justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, há pessoas justas. A finalidade da justi-

1. Sobre a dubiedade do termo “paz romana”, veja os estudos de WENGST, Klaus. *Pax Romana – Pretensão e realidade. Experiências e percepções da paz em Jesus e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Paulinas, 1991. Veja também 1Ts 5,3 em contraposição a muitas passagens em Romanos que falam da paz que vem de Deus em Cristo (1,7; 5,1; 14,17; 15,33 entre outras).

2. Veja TAMEZ, Elsa. *Contra toda condenação – A justificação pela fé, partindo dos excluídos*. São Paulo: Paulus, 1995.

ficação é transformar os seres humanos em sujeitos que fazem justiça, que resgatam a verdade aprisionada na injustiça (8,4 no contexto). Participamos dessa nova ordem de vida através da *obediência que provém da fé* e através dela podemos optar por transformar nossos membros/corpos em “armas de justiça” (6,13).

A justificação pela fé afirma que as pessoas justificadas são e vivem como *novas criaturas* (Gl 6,15; 2Cor 5,17) dentro de uma criação renovada. Paulo pensa na realidade da *nova criação* não apenas de corações individuais, mas de uma *sociedade inteira e de todo o mundo* (8,19-21). Esta é uma Boa-Nova principalmente para as pessoas empobrecidas e para o meio ambiente maltratado, que sofrem as conseqüências da injustiça.

### **Fortalecer a fé diante de sistemas de corrupção e condenação**

Rm 8 apresenta um resumo de tudo que Paulo trabalha nos capítulos anteriores. O objetivo é fortalecer a fé e a esperança de quem sofre a condenação (8,1), a escravidão e a dominação dentro do Império. A partir da justificação pela fé, Paulo afirma que *não há condenação!* Essa afirmação baseia-se em dois argumentos: *a fé em Deus* – Deus é solidário com quem sofre e ninguém pode nos separar de seu amor; *a fé-resposta no ser humano* – seremos todos vencedores e vencedoras pela graça do amor de Deus (8,37). Assim, ao serem justificados, homem e mulher recobram a força e a autoridade de recriar o mundo, porque o espírito humano e o Espírito de Deus testemunham que ele e ela são filho e filha de Deus (8,15). Essa força é o poder dinâmico e libertador de quem reproduz a “imagem do Filho” (8,29).

A corrupção e a condenação impostas pelo poder do Império são negadas para quem optou viver pela fé e na lógica do Reino de Deus. Quais são as *razões* para uma tal opção? É o fato de que a lei do Espírito que dá a vida em Cristo nos libertou da lei do pecado e da morte (8,2) e a certeza de que Deus condenou o pecado na carne por meio do Filho (8,3). E qual é a *finalidade* de tal opção? É a justiça da lei que se cumpre em nós através de uma conduta orientada pelo Espírito (8,4). A solidariedade de Deus com as pessoas condenadas à morte e à miséria na história revela-se na condenação do pecado, na libertação e na justiça.

Deus condena o pecado, condenando a lógica perversa da sociedade (Rm 1–2). A graça de Deus, que se revela como libertação, alcança principalmente as vítimas dessa lógica do pecado (8,35-37). Somente Deus, em Cristo, pode libertar dessa estrutura injusta e poder do pecado, e isso acontece dentro das estruturas deste mundo.

### **O Espírito empodera as pessoas enfraquecidas**

Essa Boa Notícia também envolve o Espírito que habita nas pessoas que estão em Cristo, que foram justificadas (8,1). Essas, que no mundo não têm poder, recebem a autoridade de proclamar uma nova ordem econômica e política baseada na lei do Espírito que dá a vida, porque ele quer vida e paz (8,6) e seu interesse é justiça (8,10). Assim, a proclamação e a vivência da justificação são centrais para a construção dessa nova lógica e atuação baseadas no Espírito.

Num mundo que causa opressão e sofrimento, a tendência é que as pessoas tenham medo e se resignem. Para Paulo, no entanto, importa fortalecer a resistência. Essa resistência é expressão da fé que nos torna pessoas justas. Mas como motivar pessoas para isso? A saída que Paulo aponta para fortalecer a fé e a esperança é revelar que todo sistema que segue a lógica do pecado está condenado e não tem autoridade para seguir condenando pessoas. Paulo realça a Boa-Nova da lógica do Espírito que quer o bem-estar de todos, baseado na justiça. A prática desta lógica é a única que liberta do pecado e da morte (8,2), e nisso não se caminha só, mas na comunhão das filhas e filhos de Deus (8,14-17).

Temos, portanto, dois sistemas antagônicos: a lógica do Espírito e a lógica do Império; a lógica da libertação e a lógica do pecado. Eles estão em constante luta. É somente o Espírito que pode fortalecer as pessoas para que sejam vencedoras e construtoras de uma nova dinâmica nas relações com toda a criação. O Espírito habita nelas (8,9), e elas não estarão sós.

Paulo interpela a força do divino no humano. Justificadas, as pessoas têm toda autoridade para reinar na história (5,17; 8,11-13), não mais sendo escravas do pecado. Quando as pessoas acolhem o dom da justiça de Deus, a divindade forma parte delas para que elas atuem segundo a lógica do Espírito. Por isso Paulo insiste na filiação divina, na herança: somos co-herdeiras e co-herdeiros de Cristo (8,14-30). Ninguém pode gloriar-se disso, pois isso é obra de Deus. O resultado dessa lógica é que quem vive em Cristo não pode dominar seu irmão e sua irmã. Afinal, a história continua aberta até o juízo, quando todas as pessoas responderão por seus atos diante do tribunal de Deus (14,10).

### **Encarar o sofrimento... sem perder a ternura do cuidado**

A abordagem de Paulo é realista, por isso não ignora o sofrimento. O pecado foi vencido, mas continua existindo. A força do divino no humano não anula o sofrimento. Paulo, as comunidades de seu tempo, e nós sabemos que o Filho de Deus sofreu a morte de cruz por causa do pecado incorporado nas estruturas dominantes da época e em cada estrutura humana. O sofrimento é tamanho que não apenas as pessoas, mas toda a criação espera a revelação dos filhos e filhas de Deus na expectativa de libertação plena (8,17-19).

Ter filiação divina não anula sofrimentos. Não é proteção contra dor e tristeza. Ao contrário. Ela pode inclusive significar que os sofrimentos aumentem, pois entrando na lógica de Cristo sofre-se com ele e por causa dele (8,17.36). A filiação divina e a presença do Espírito “não significa(m) que o corpo não esteja sujeito a toda sorte de dor, sofrimento e tristezas. Pode significar, no entanto, que a maneira de encará-los vai mudar”<sup>3</sup>.

3. WEGNER, Uwe. “Auxílio homilético sobre Rm 8,18-25”, em: *Proclamar Libertação*. São Leopoldo: Sinodal, vol. 18, 1992, p. 193.

Os sofrimentos podem, pela graça de Deus e pelo amor de Deus em Cristo e na comunhão com outras pessoas, transformar a apatia em participação, a resignação em perseverança. Esse é o cuidado que Deus mesmo tem para conosco, sua criação. E ele quer que as pessoas tornadas justas pratiquem esse mesmo cuidado em relação a outras pessoas que sofrem, incluindo toda a criação. A ternura é algo intrínseco do cuidado de Deus e de mulheres e homens que vivem a partir da graça e do amor desse Deus.

Assim, os sofrimentos são encarados e vivenciados de forma propositiva e podem ser relativizados (não bagatelizados ou negados!) diante da vivência da salvação e da justiça já agora e na glória por vir. Mas será que isso não é um “final feliz” barato? Sem dúvida, isso depende também da nossa resposta à ação do Espírito em nós. Afinal, é o Espírito que atesta que a lógica da justiça pode ser vivenciada e testemunhada. Temos o Espírito da liberdade, e não da escravidão, e por isso podemos ser “imagem do Filho” (8,29). Nessa nova vivência, seremos vencedoras e vencedores, contra toda condenação!

Dentro desse contexto amplo da justificação, destaca-se a relevância de toda a criação e do trabalho holístico pela restauração, pela recriação de toda vida.

### **A revelação do sofrimento e a certeza de sua superação**

Em Rm 8,18, o apóstolo Paulo retoma o assunto do versículo anterior para dar-lhe continuidade e aprofundamento, argumentados com a partícula *gár* / “pois”. Ele havia afirmado que, se sofrermos com Cristo, também com Ele seremos pessoas glorificadas. Tanto o tema do sofrimento quanto o da glória é retomado no v. 18. O destaque é dado para a certeza que Paulo tem sobre a superação do sofrimento, o qual é característica “deste tempo presente” (*kairós*). Esse tempo é tempo revelador, é tempo de desmascarar a injustiça e articular a esperança.

Assim, o apóstolo não é ofuscado pela certeza da glória, mas essa certeza torna seu olhar e seu juízo mais aguçados para a percepção da injustiça, manifesta nos sofrimentos. Só assim é que ele pode remeter simultaneamente para a superação dos mesmos, contrapondo os sofrimentos à “glória” que será revelada. O assunto é apocalíptico. Há coisas que precisam ser desvendadas urgentemente. Duas vezes em seguida usam-se termos apocalípticos (8,18 e 8,19). A partir daí, vai ser revelado, isto é, vai se tirar a máscara do sofrimento e da sua causa.

### **A criação anseia por libertação**

A justificativa da superação do sofrimento é a expectativa da criação (*ktísis*) que aguarda ansiosamente a revelação dos filhos e filhas de Deus (8,19). A libertação da criação está intrinsecamente ligada com a libertação das pessoas que fazem parte dela. Senão, como se explica a expectativa da criação?

Rm 8,20 dá a resposta: a criação está submetida à futilidade. Essa submissão existe não porque ela o queira, mas por causa de quem a sujeitou! Temos aqui um *mi-draxe*, uma interpretação crítica dos resultados advindos da ordem divina por ocasião

da criação e da queda dos seres humanos (Gn 1–3). A queda dos seres humanos tem por conseqüência a queda de toda a criação. O desencantamento da criação já é interpretado assim no judaísmo contemporâneo de Paulo: “Quando Adão infringiu os meus mandamentos, a criação foi julgada. Então os caminhos deste mundo tornaram-se estreitos, tristes e penosos, lastimosos e ruins, cheios de perigos e à mercê de grandes necessidades” (4 Esdras 7,11-12). A “futilidade” da criação, portanto, é conseqüência do pecado humano (Gn 3,17); a criação perdeu seus encantos, e a relação para com ela passa a ser de exploração, fadiga e indiferença. Esse estado de futilidade tem a ver com Deus, que é o sujeito da primeira submissão por causa do pecado humano. Mas a culpa dessa futilidade não reside nem na criação, nem em Deus, e sim é “por causa daquele que a submeteu”, isto é, Adão, junto com Eva.

Nesse tempo de sofrimento, o primeiro anseio, a primeira expectativa expressa por libertação é manifestada pela criação. A passagem de 8,20 para 8,21 é profunda e central. Ali está expresso que a expectativa por libertação da criação se baseia “na esperança”. Esta esperança não é apenas a revelação dos filhos e das filhas de Deus, isto é, a sua justificação que condena toda espécie de dominação e opressão, mas é também a libertação da própria criação: “pois também a criação será libertada (*eleutheromai*) da escravidão (*douléia*) da corrupção para a liberdade (*eleutheria*) da glória (*dóxa*, v. 18!) dos filhos e filhas de Deus” (8,21). Há, portanto, aqui, uma visão holística da libertação, da revelação através da graça de Deus: o acento recai sobre toda a criação!

O texto afirma que a criação será libertada do “cativeiro da corrupção”, e que também ela viverá a liberdade da glória dos filhos e das filhas de Deus, que foram agraciados pelo amor de Deus através da justificação. A criação participará da liberdade e da glória. O texto respira e transpira a nova criação! Agora há sofrimento, e o apóstolo Paulo demonstra que existe uma profunda relação entre a futilidade da criação e o cativeiro da corrupção, sob o qual ela está sofrendo. Vimos que foi o pecado humano que a colocou nesse estado. Ora, conseqüentemente é preciso deduzir que o pecado, a injustiça, a omissão diante de toda forma de violência corrompem a criação: “hoje diríamos que a intoxica, polui, envenena e extermina. Daí se explica o fato de ela encontrar-se em estado de inutilidade, futilidade, ansiosa por libertação”<sup>4</sup>. A libertação será integral, holística, de toda a criação. A liberdade das filhas e dos filhos de Deus terá que estar amarrada à libertação da criação, e vice-versa. Caso contrário, o caos continua a reinar, expresso nos sofrimentos.

### **As dores de parto necessárias para a libertação**

O anseio por libertação e a certeza dela estão argumentados em 8,22: “*pois sabemos que toda a criação geme conjuntamente e conjuntamente tem dores de parto até agora*”! Os termos que aqui aparecem têm uma força de expressão e concreção tão grandes que nos fazem vibrar junto com a criação. Eles expressam e visualizam o *corpo* da criação em trabalho de parto. Os termos aqui usados (*systemázol* “gemer con-

4. WEGNER, Uwe, p. 195.

juntamente” e *synodíno*”conjuntamente ter dores de parto”) fazem menção clara de todo processo do trabalho de parto.

A criação está trabalhando ansiosamente em vista do novo que está para chegar! Não se trata, portanto, de qualquer gemido... As versões bíblicas feitas são péssimas, quando traduzem esses termos no sentido de “geme e suporta angústias” (Almeida), porque não os coloca em relação com o trabalho de parto, com o novo que está às portas<sup>5</sup>.

O texto de Paulo é lindo, porque trabalha o conjunto da criação. Aos gemidos e dores de parto da criação juntam-se também os gemidos de parto das pessoas que têm as primícias do Espírito (8,23). Ninguém fica de fora nesse processo. No sofrimento e na esperança junta-se todo ser vivente e se faz corpo com a divindade. “Quando uma realidade é obscurecida, as outras também o são. Quando vem à luz, as outras também são desveladas. Assim como, na hora do parto, mãe e filho lutam juntos pela vida, da mesma maneira criação-humanidade-Espírito estão lutando juntos pela vida”<sup>6</sup>.

Traduções parecidas com “gememos em nosso íntimo” (Almeida) são falsas, porque não consideram o parto como elemento revelador da glória e revelação de Deus. Nosso gemer é igualmente um “gemido de parto” (*stenádzo*). Uwe Wegner trabalhou minuciosamente o termo *en heautois*, normalmente traduzido por “em nosso íntimo”, e concluiu que ele significa “por causa de nós mesmos”, “em nosso meio”. Portanto, os gemidos de parto são exteriorizados, e acontecem em nós mesmos, em nosso corpo. Por que também nós gememos? Porque também temos a ardente expectativa da filiação divina, que significa a redenção (*apolytroxis*) do nosso corpo (8,23)!

Esses termos gregos que traduzimos como “libertação” (*eleutheria/eleuthero-mai*, v. 21), “escravidão/cativeiro” (*douléia*, v. 21), “redenção” (*apolytroxis*, v. 23) remetem para o contexto romano de escravidão. Interessante é o fato de Paulo usar um termo eminentemente econômico-político para falar da redenção de nossos corpos: *apolytroxis* é termo técnico usado para designar a compra da liberdade de uma pessoa escrava; é libertação adquirida por preço que alguém paga, é alforria!

### **O fundamento da libertação...**

O texto afirma que também nós gememos em dores de parto na ansiosa expectativa da filiação divina, que significa a libertação dos nossos corpos (8,23). Portanto, os corpos de toda a criação, também das pessoas crentes, estão sendo submetidos à corrupção, à injustiça, aos sofrimentos. A libertação através da revelação da filiação divina é o parto necessário.

Esta libertação não é fácil, nem barata. Ela ocorre e se fundamenta na salvação já ocorrida através da esperança que se apresenta em Cristo Jesus (8,24)! O Gólgota sig-

5. Maiores detalhes sobre esses aspectos, veja RICHTER REIMER, Ivoni. *O belo, as feras e o novo tempo*. São Leopoldo/Petrópolis: CEBI/Vozes, 2000, p. 101-112.

6. FRIGÉRIO, Tea. “Esboço de uma reflexão bíblica sobre meio ambiente”, em: *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, vol. 38, p. 40, 1993.

nifica os gemidos de parto, e o tmulo vazio representa a concretizao do parto. Nova histria, nova criao est iniciada. Portanto,  olhando para trs que se afirma a certeza da libertao. A histria de f constri a esperana do futuro.  uma esperana que remete para frente, para a abertura do futuro e da histria salvfica. Essa esperana necessita da perseverana (*hypomon*), que d o flego longo, contnuo e despreocupado.

A criao, inclusive ns, estamos gemendo em dores de parto. Ora, a mulher que sente as dores do parto sabe que gemer faz bem, e que fazer fora  necessrio. Pois o *novo* est para nascer. Ns participamos da construo, da gestao deste novo!  Cristo que arduamente conquista nossa redeno-libertao, mas ns devemos viver esse processo em nosso corpo. Interessa  salvao do corpo. Interessa  salvao do todo. Ns participamos desse processo, vivendo como pessoas justificadas que realizam o projeto de justia e cuidado de Deus. Tambm esse  o nosso gemido de parto...

A imagem de parto, que esse texto transpira, transparece a esperana da vida, da nova criao, isenta de corrupo, de escravido, de futilidade. Esta  imagem de esperana viva, que nos faz trabalhar, fazer fora, porque sabemos que vale a pena, porque j sentimos o novo em nosso corpo. E trabalhamos, mesmo que a morte esteja pairando nesse momento das dores do parto...

### **...  o fundamento do cuidado e da perseverana**

Nesse empreendimento no estamos ss, ns e toda a criao. Tambm o Esprito nos assiste em nossa "fraqueza" (*asthenia*). A nossa fraqueza situa-se dentro de um contexto social determinado, onde os "fortes" so os mantenedores do poder, criam os mecanismos e realizam as dinmicas da corrupo e da escravido. Ns somos pessoas fracas em relao aos poderes corruptos e ao poder do pecado. Mas no estamos ss: somos pessoas justificadas, e o Esprito nos assiste em nossa fraqueza, principalmente quando no sabemos orar<sup>7</sup>. Ento, finalmente, tambm o Esprito intercede por ns em "gemidos de parto" (*stenagms*: 8,26), de tal forma que no podemos express-lo (*alaltos*)... E nisso acontece a vontade de Deus (8,27). Deus cuida zelosamente de toda a criao, e o faz no poder da Trindade (8,24.26-27.32).

Assim, no h motivo para medo e insegurana: s pessoas que amam a Deus todas as coisas cooperam para o bem (8,28-30). Se todas as coisas conjuntamente esto sofrendo, ento todas as coisas conjuntamente tambm trabalharo para o bem. A idia do sinergismo baseia-se na certeza da superao do sofrimento, visto que no final est a justia e a glorificao das filhas e filhos de Deus, que sero a prpria "imagem do Filho" (8,28-30).

### **Cuidar e perseverar: ternura no tornar-se vinho**

Rm 8 testemunha a experincia da opresso sob as condies socioeconmicas no Imprio Romano. O sistema e os instrumentos dessa opresso corrupta e violenta

7. Sobre orao e o seu poder, veja RICHTER REIMER, Ivoni. *O belo*, p. 85-96.

estão descritos em 8,31-39. Ali se mostra quem transforma a criação em futilidade, quem escraviza as pessoas, quem planeja e realiza a corrupção. As pessoas que crêm em Deus são acusadas de não serem fiéis ao Império e sua política (8,33). Diante dessas acusações, reforça-se a justificação de Deus. Deus não abandona em meio à perseguição. O sofrimento e a condenação para quem é fiel a Deus não vêm de Cristo, mas dos poderes representativos de uma sociedade injustamente construída (8,35).

Dentro desse contexto de corrupção e escravidão, Rm 8 também testemunha a resistência através da construção da esperança e da certeza da vitória, que se baseiam na fé e na salvação já vivenciadas (8,38-39). Testemunha ainda a co-laboração de *toda* a criação nesse processo. Nas palavras de Ivone Gebara: “a nova criação não é apenas a criação de um novo discurso sobre a criação, elaborado pelos intelectuais, mas é fundamentalmente uma práxis criativa, um conjunto de comportamentos que vou introduzindo pouco a pouco em minha vida cotidiana e propondo a outros como caminho de ‘salvação’ de todas as vidas”<sup>8</sup>.

E, não por fim, a premissa de todo esse trabalho de recriação é a ternura que se expressa no comprometimento com a vida, simbolizada na imagem do gemer em dores do parto. O gemido antecipa e pressupõe o cuidado, a saudade daquilo que ainda não está aí, mas que já é sentido. Ele expressa a expectativa do abraço e da alegria – a glória – que já dá para sentir em meio à dor.

Nada poderá nos separar do amor de Deus em Cristo e na intercessão do Espírito. Por isso é que não há condenação para as pessoas justificadas (8,1.39). Elas, por causa disso, colocam-se a serviço na prática da justiça, com os gemidos de quem está trabalhando no novo que já está aí, mas que precisa de uma força para resplandecer em glória. Esse novo inclui e pressupõe um novo paradigma para vivermos como criação de Deus, cuidando-nos mutuamente.

*Ivoni Richter Reimer*  
Rua 20, n. 81, ap. 2103  
Edifício Leo Lynce  
Centro  
Goiânia – GO  
74020-170  
tel. (62) 212-0139  
h.reimer@terra.com.br

8. GEBARA, Ivone. “O gemido da criação e os nossos gemidos”, em: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. Petrópolis: Vozes, vol. 21, p. 39, 1995.